

# VALORIZAR AS NOSSAS CONQUISTAS COMO HOMENS INDEPENDENTES

## — Presidente Samora Machel no comício popular em Xai-Xai

Entre 25 e 30 mil pessoas escutaram o Presidente Samora Machel num empolgante comício que teve lugar, sábado passado em Xai-Xai. Falando em português e changana, o Chefe de Estado moçambicano referiu-se às razões da visita à Província de Gaza, às constatações feitas, e, essencialmente, ao valor da nossa independência e da nossa civilização e à luta que temos que travar contra os bandidos armados que têm provocado intranquilidade e desassossego nas populações. Pela sua importância publicamos na íntegra a intervenção do Presidente Samora Machel na reunião popular de Xai-Xai:

### RAZÕES DA NOSSA VISITA

Vimos à Província de Gaza para convosco trabalhar, para sentir o palpitar do esforço, da abnegação na construção duma sociedade nova nesta terra moçambicana libertada.

Nesta província escreveram-se das mais belas páginas da história da nossa resistência e também o colonialismo nela escreveu as mais negras páginas de barbárie, de humilhação, de sofrimento, de exploração.

Na nossa Pátria libertada, a população de Gaza contribuiu para tornar mais bela a terra moçambicana, rica e generosa.

Quisemos testemunhar o vosso engajamento, a vossa determinação na realização das tarefas da década, tarefas que nos conduzirão à liquidação do nosso inimigo principal, o subdesenvolvimento.

Procuramos ver como funcionam os órgãos do Partido e do Governo, como dinamizam, enquadram e orientam, como dirigem as massas populares e qual o grau de confiança que gozam no seio do povo.

Vimos também prestar homenagem a heróis da nossa resistência, a heróis que perduraram para sempre na memória da história. Pelo exemplo de resistência contra o invasor, pelo sentido agudo de independência, prestamos homenagem ao Imperador Gungunhana, a Maguiguana e tantos outros combatentes, guerreiros da resistência, cujo exemplo inspira as gerações vindouras.

Falar de Gungunhana, é evocar o Império de Gaza, o seu poderio, é evocar um bastião fundamental da resistência contra a invasão colonial portuguesa.

### O QUE VIMOS

Visitámos os distritos de Manjacaze, Chibuto, Chôkwé e a própria cidade capital de Xai-Xai. Por todo o lado fomos acolhidos num ambiente de calor e entusiasmo, num ambiente de confiança e de certeza na vitória.

Constatámos que a grande disponibilidade das massas, a prontidão com que responderam ao chamamento do Partido para liquidar o subdesenvolvimento nem sempre encontra uma resposta correcta da parte das estruturas locais, do Estado.

Vimos desleixo, falta de interesse e espírito de «deixar andar».

Vimos estagnação, falta de dinamismo.

Constatámos isso ao observar capim e sujidade em ruas da cidade e vilas da província. Testemunhámos a indiferença das direcções locais perante a degradação e actos de vandalismo, no parque de casas do Estado.

Faltam flores nas nossas varandas e passeios, cal nas nossas paredes, há ausência de jardins e balcoes, de bancos e relva onde brinquem as crianças e descansem os adultos.

Nas estradas observámos postes telefónicos ou fios rebentados há semanas, sem que as administrações se preocupassem com a sua reparação imediata, como é seu dever.

Não há sensibilidade.

No distrito de Chibuto, visitámos a aldeia comunal Eduardo Chivambo Mondlane. Ali sentimos na carne o alto grau de consciência política que as populações transportam, mas que nós ainda não somos capazes de transformar em força que socialize o campo, desenvolva a produção.

Fomos ao Chôkwé, visitámos a aldeia comunal Eduardo Chivambo Mondlane. Ali sentimos na carne o alto grau de consciência política que as populações transportam, mas que nós ainda não somos capazes de transformar em força que socialize o campo, desenvolva a produção.

Quando falamos do Chôkwé, estamos a falar da baía do rio Limpopo, a sua barragem. Estamos a falar dos residentes dessa região do País, do quartel general do grande Maguiguana, do Vale do Limpopo, celeiro do País.

Há grandes e fantásticas realizações. Evidências inelutavelmente moçambicanas estão a construir e já construíram novos milhares de hectares de regadio. Mas, paralelamente, há tremendas insuficiências na direcção do trabalho, há muito desleixo e insensibilidade, há falta de brio em realizar-se o trabalho bem feito.

Os parques de máquinas das filiais eram exemplos vivos. Centenas de máquinas, valendo muitas centenas de milhares de contos, no meio do campo, à chuva e ao sol, chefas de lama de meses, ganhando ferrugem, peças e sobressalentes espalhados, o esforço do País desperdiçando-se em abandono.

No entanto, devemos dizer que sente-se já o efeito da ofensiva desencana-deada há pouco nos parques de máquinas. Em poucas semanas a face tornou-se irreconhecível, em poucas semanas, ao abandono sucedeu-se já a organização, o aprimoramento, o brio profissional e começámos a sentir em operadores e mecânicos, orgulho por trabalhar bem feito.

Qual a causa destes problemas? É o compromisso.

● é a corrupção que gera o compromisso e o comprometimento, a passividade, o desleixo.

● e o que é mais grave, a ausência da ordem.

Não se dá a orientação clara.

— não se distribuem as tarefas, confundimos o povo.

Começámos a achar normal que as coisas andem mal.

● que haja destruição do património do Estado.

● que haja degradação daquilo que tanto nos custou.

E a insensibilidade perante os problemas da vida do povo.

Preocupamo-nos com os nossos problemas.



O Chefe de Estado moçambicano, como sempre, manteve também desta vez, um diálogo franco e aberto com a população de Xai-Xai

biemas mesquinhos e não com a vida do povo.

Desaparece o princípio de participação de contas, porque não queremos que seja examinada a nossa própria vida.

Há contudo quadros dedicados a que mantêm firmes, apesar de certo desânimo que deles se apoderou. Esses devem continuar a ser o exemplo na defesa da firmeza de princípios do nosso Partido e Estado.

Acabámos de visitar a Mocim da Paqueta e aí saímos mais alentados porque há direcção forte e segura.

O VALOR DA NOSSA INDEPENDÊNCIA E DA NOSSA CIVILIZAÇÃO

Hoje vivemos livres, de cabeça erguida e orgulhosos da nossa própria história.

Ninguém nos libertou. Fomos nós próprios quem libertou a Pátria e escolheu a via para a liquidação do subdesenvolvimento.

Fomos nós próprios que impusemos a destruição incondicional e completa do colonialismo português. Fomos nós que expulsámos a opressão da nossa terra, para podermos finalmente, após tantos anos de sofrimento e morte, construir a nossa vida em paz e sossego, sem nos preocuparmos:

● com a vinda do cipalo para nos levar para o chibalo.

● com o imposto que tínhamos de entregar ao régulo.

● com a dignidade da nossa mulher e filha ultrajada e violada por um colono qualquer.

● com os nossos produtos, cultivados com o nosso trabalho honesto e duro, serem pagos a um preço de fome, de miséria, porque era preta a mão na enxada e na charrua.

Se recordamos estas coisas, é porque muitos de nós parecem ter esquecido como sofriam há ainda seis ou sete anos. Repetimos muito, para que contem aos vossos filhos o significado real de ser colonizado, de ter a Pátria ocupada.

Se recordamos estas coisas, é para podermos avaliar correctamente o que fazemos, para avaliar se os nossos comportamentos correspondem à sociedade nova que queremos construir.

Não podemos esquecer estas coisas. Aqui Xai-Xai, quem construiu es e estradas?

Já se esqueceram? Já se esqueceram que os vossos pais, os vossos avós morreram sofrendo na construção destas estradas? Esqueceram o cilindro que puxávamos como bestas de carga?

Estradas construídas sem o auxílio da máquina. Estradas construídas pelo chibalo, estradas pagas com a vida de homens e mulheres, para que o colonialista pudesse transitar tranquilamente.

Quem eram os administradores que aqui eram colocados, aqui a então administração do Conselho de Xai-Xai?

Eram aqueles que possuíam uma carreira bárbara de serviços, uma folha de serviços regada de sangue. Eram aqueles que se notabilizavam por utilizar, com zelo, o chicote, a palmatória, o trabalho forçado.

Eram aqueles que, ao serviço do colonialismo, se distinguiam como carcosos do povo.

Não podemos esquecer estas coisas. Somos os sobreviventes da história. Temos esta responsabilidade de transportar o peso da memória dos nossos antepassados e fazer dessa herança

força activa na construção da nova sociedade.

Quando quiseram matar o espírito de resistência contra o invasor, quando quiseram transformar a nossa cultura em caricatura, em «usos e costumes», de que nos devíamos envergonhar, resistimos.

● Não podemos permitir a gravidez de raparigas que ainda são crianças, de casamentos feitos fruto de circunstâncias, que nós próprios não controlamos. E Intolerável que na nossa sociedade haja orfanatos, haja inocentes, que são filhos sem pai, «filhos do mató».

● Não podemos permitir que os nossos filhos andem por aí mal vestidos, despendetados, sujeitos, unhas compridas.

O nosso filho deve constituir o nosso orgulho.

O nosso filho é fruto da nossa carne. A higiene individual e colectiva deve constituir parte integrante da nossa maneira de ser.

● Não podemos permitir a prática ainda existente do adultério. É um crime contra a família, contra a sociedade, é desrespeitar as leis da convivência social e da dignidade da família.

Temos a nossa cultura, a nossa civilização, a nossa personalidade própria, a personalidade do homem moçambicano. Devemos cultivar estes valores, porque são nossos, são a razão da nossa liberdade.

Devemos conhecer o sentido da nossa existência como povo livre, o sentido da nossa dignidade como um povo que sempre recusou a servidão e nunca se vergou perante o invasor.

Temos de cultivar a nossa integridade moral que significa:

● seremos honrados e manter o respeito perante a sociedade,

● seremos fiéis à responsabilidade e aos compromissos do matrimónio, da família,

● não manchar a memória daqueles a quem devemos aquilo que somos hoje,

● significa termos uma vida organizada, rejeitando a carga impudica que transporta a sociedade capitalista, como a vagabundice, o alcoolismo, a prostituição, a marginalidade,

● significa romper com a moral dos donos e assumir a ética socialista.

Devemos estabelecer relações correctas entre o homem e a mulher, relações que conduzam a um respeito mútuo, ao carinho, ao amor.

Bater na mulher, chegar a casa embriagado depois de receber o seu salário, é próprio de animais sem consciência e sem razão. É próprio daqueles que não estabelecem a diferença entre o homem que se alimenta de sentimentos, de emoções e da inteligência, do animal que se guia apenas pelo instinto.

Os animais não têm família, não têm uma moral. Por isso entre eles se cruzam de qualquer maneira, em qualquer lugar.

Nós somos seres humanos, temos família, temos pais, temos filhos, temos esposas ou esposos, formamos uma célula da sociedade. Por isso nos repugna o adultério, por isso nos repugna criar-se filhos do mató.

Somos gente digna. Não somos como marinheiros depravados que em cada ponto necessitam duma hebedelra e duma nova dose venérea.

Não fazemos colecção de hebedelras, não fazemos colecção de vícios, de doenças vergonhosas.

Por isso o casamento deve constituir o acto mais sério, mais solene para a família.

● a Unidade Nacional,

● a civilização fundada no respeito pelo homem, no amor à liberdade,

● o respeito, a honra, a personalidade, a dignidade do Homem Moçambicano, a igualdade entre os homens.

A FRELIMO restituiu ao povo a sua cultura.

Para os colonos, cultura, civilização significavam:

● liquidação da família e promover a prostituição, a transformação da mulher em mercadoria,

● destruir o trabalho honesto e promover a marginalidade, a criminalidade, o banditismo,

● matar o espírito de resistência ao invasor e desenvolver o servilismo, o espírito de laçao.

A nossa cultura e a nossa civilização não se podem inspirar nestes valores baseados na exploração do homem pelo homem, baseados no racismo, no tribalismo, regionalismo, na destruição da dignidade mais elementar do ser humano.

Por isso temos de eliminar algumas marcas da cultura colonial que ainda

persistem em resistir ao vento da mudança.

Não podemos permitir, por exemplo:

● a prostituição camuflada. Não podemos permitir que as nossas filhas, as nossas mulheres, que a mulher moçambicana seja violentada desta maneira.

● E uma desonra não só para a mulher moçambicana, mas é uma mancha na própria sociedade moçambicana.

● Não podemos permitir a gravidez de raparigas que ainda são crianças, de casamentos feitos fruto de circunstâncias, que nós próprios não controlamos. E Intolerável que na nossa sociedade haja orfanatos, haja inocentes, que são filhos sem pai, «filhos do mató».

● Não podemos permitir que os nossos filhos andem por aí mal vestidos, despendetados, sujeitos, unhas compridas.

O nosso filho deve constituir o nosso orgulho.

O nosso filho é fruto da nossa carne. A higiene individual e colectiva deve constituir parte integrante da nossa maneira de ser.

● Não podemos permitir a prática ainda existente do adultério. É um crime contra a família, contra a sociedade, é desrespeitar as leis da convivência social e da dignidade da família.

Temos a nossa cultura, a nossa civilização, a nossa personalidade própria, a personalidade do homem moçambicano. Devemos cultivar estes valores, porque são nossos, são a razão da nossa liberdade.

Devemos conhecer o sentido da nossa existência como povo livre, o sentido da nossa dignidade como um povo que sempre recusou a servidão e nunca se vergou perante o invasor.

Temos de cultivar a nossa integridade moral que significa:

● seremos honrados e manter o respeito perante a sociedade,

● seremos fiéis à responsabilidade e aos compromissos do matrimónio, da família,

● não manchar a memória daqueles a quem devemos aquilo que somos hoje,

● significa termos uma vida organizada, rejeitando a carga impudica que transporta a sociedade capitalista, como a vagabundice, o alcoolismo, a prostituição, a marginalidade,

● significa romper com a moral dos donos e assumir a ética socialista.

Devemos estabelecer relações correctas entre o homem e a mulher, relações que conduzam a um respeito mútuo, ao carinho, ao amor.

Bater na mulher, chegar a casa embriagado depois de receber o seu salário, é próprio de animais sem consciência e sem razão. É próprio daqueles que não estabelecem a diferença entre o homem que se alimenta de sentimentos, de emoções e da inteligência, do animal que se guia apenas pelo instinto.

Os animais não têm família, não têm uma moral. Por isso entre eles se cruzam de qualquer maneira, em qualquer lugar.

Nós somos seres humanos, temos família, temos pais, temos filhos, temos esposas ou esposos, formamos uma célula da sociedade. Por isso nos repugna o adultério, por isso nos repugna criar-se filhos do mató.

Somos gente digna. Não somos como marinheiros depravados que em cada ponto necessitam duma hebedelra e duma nova dose venérea.

Não fazemos colecção de hebedelras, não fazemos colecção de vícios, de doenças vergonhosas.

Por isso o casamento deve constituir o acto mais sério, mais solene para a família.

O homem e a mulher baseiam a sua relação no amor. Por isso, o matrimónio deve ser um acto digno e profundo.

Festejamos o casamento com alegria, com solenidade, conferindo ao acto a dignidade e o valor que merecem na nossa sociedade de homens e mulheres honestos.

E por isso que estamos a edificar Palácios da Família, para marcar a dignidade ao casamento, à família, dignidade que o colonialismo e a poligamia lhe retiram.

Esta é a nossa civilização, a nossa cultura. Ela não foi erguida a partir do nada. Estes foram também os valores dos nossos antepassados, que herdámos e enriquecemos.

Aqui mesmo na Província de Gaza, a Igreja protestante, que foi um foco de resistência ao colonialismo, cultivava alguns destes valores. Queremos reconhecer publicamente esta contribuição.

Quando a violência colonial abafou o som das armas, da resistência nacional, quando Gungunhana foi preso e Maguiguana assassinado, quando a Igreja Católica surgiu como aliada do colonialismo português, aliando a cruz e a espada, fazendo da religião instrumento de consolidação da opressão estrangeira, foi nas igrejas protestantes que se refugiou e reorganizou, em grande parte, o espírito de resistência e de luta contra o invasor. Lembramos a memória de Abel Chambale, fundador em 1903, da Igreja Protestante, no espírito da resistência nacional.

Por isso a Igreja protestante foi um alvo da repressão do Governo colonial e da sua aliada Igreja Católica.

Também no domínio social, a sua acção se fez sentir

● na higiene individual,

● na higiene colectiva,

● na luta contra a intrigas, a hipocrisia.

Foi um pastor protestante Ngazane Kambako que introduziu a charrua nos anos 1910/1920, o que representou uma profunda transformação da vida económica nesta zona.

Reconhecemos esta contribuição das igrejas protestantes, porque somos honestos.

A nossa política é muito clara: nós respeitamos a religião de cada um. É um direito constitucional, porque vem em cada religião, antes de mais, um moçambicano, o patriota. Respeitamos as suas convicções religiosas e é por isso que a nossa Constituição prevê a liberdade de culto.

A Pátria socialista moçambicana é para todos.

A diferença entre nós, militantes do Partido, e a religião, é que nós acreditamos na força do homem, na sua capacidade criadora e de transformar o mundo. Para os religiosos, tudo é produto de Deus que vive acima dos homens.

A nossa convicção é produto da nossa própria experiência, da nossa luta:

● para libertar a Pátria, valorizando o exemplo dos nossos antepassados, de Gungunhana, Maguiguana e outros, fundámos a FRELIMO em 1962 e pegámos em armas em 1964.

Não foi Deus que o fez, mas nós, homens.

Acreditamos na nossa força, na nossa capacidade.

Quem planta o ceifeiro? Quem planta a mangueira? Quem abre o canal? Quem vai construir o celeiro do país?

E Deus ou o homem? Para nós a resposta é clara. Mas queremos dizer que isso não significa que haja uma contradição entre nós. Temos objectivos comuns.

Por isso, como cidadãos livres, como patriotas consequentes, como

trabalhadores honestos e dignos e comprovados, têm lugar nas nossas estruturas.

Nas fileiras da Pátria, no exército que combate a miséria, têm lugar todos os que amam a Pátria, todos os que são honestos e dignos, todos os que querem o progresso, a paz.

Temos de ter o espírito da Pátria Moçambicana, cultivar o patriotismo:

● significa que a nossa terra é sagrada e para a sua defesa merecemos a nossa própria vida, se for necessário,

● significa honrar a memória dos nossos heróis, assumir a história tal como ela foi e não como os colonialistas quiseram que fosse,

● significa pôr de lado as divisões que porventura ainda existam no nosso seio e unirmo-nos no ideal comum do amor à Pátria.

Nos seis anos de independência ainda não soubemos valorizar devidamente as nossas conquistas. Por vezes, a nossa memória é curta:

● Já se esqueceram que os vossos filhos para irem à escola tinham de ser assimilados? Hoje a educação é uma conquista popular e direito de todo o Povo.

● Já se esqueceram que para fazer uma simples operação se pagavam várias centenas de escudos?

Mas hoje a consulta mais simples, o curativo, a operação cirúrgica mais complicada é praticamente gratuita.

● Já se esqueceram que nas casas que vocês construíam para os colonos, apenas podiam entrar como moleques?

● Já se esqueceram que para ocupar um pedaço de terra tinham de pagar uma pesada renda ao colono e que em qualquer momento podiam ser expulsos? Hoje, a terra foi restituída ao Povo e é propriedade do Estado.

● Já se esqueceram do humilhante e desumano negócio da morte, onde o cadáver do nosso pai, do nosso filho, da nossa irmã era negociado?

Lembram-se?

BANDIDOS ARMADOS

Para transformar Gaza, para fazer de Gaza aquilo que queremos que seja, é preciso que o Povo trabalhe em Paz e em sossego.

Perturbar a sua actividade, o seu trabalho, significa retardar o nosso desenvolvimento, o progresso e o bem-estar do Povo.

Não há desenvolvimento sem paz. Nos distritos e localidades por onde passámos, vimos o Povo clamar ódio em relação aos bandidos armados, agentes do imperialismo, que têm causado a intranquilidade e a insegurança no seio das populações.

O Povo quer combater os bandidos e para isso pediu-nos armas para liquidar os bandidos.

Esses bandidos actuam sem qualquer princípio, não se baseiam em qualquer princípio ou ideia.

Aliás, o seu comportamento tem sido:

● cumprir ordens dos racistas, ontem de Ian Smith, hoje de Pretória. Láculos do estrangeiro, vendilhões da Pátria.

● raptar, mutilar e assassinar membros do Partido, Deputados, cooperativistas,

● raptar, mutilar e assassinar professores, alunos, enfermeiros e a população em geral.

● Assaltam, saqueiam e destroem lojas, casas, cooperativas, hospitais, escolas.

● Violam mulheres, assassinam crianças.

Que política é esta? Serve a quem? Estes actos são virtuosos ou criminosos? Que castigo merecem os criminosos?

O Povo moçambicano é orgulhoso, é combativo. Na Província de Gaza muitas páginas gloriosas da nossa história foram escritas. O nosso orgulho, o nosso patriotismo, o nosso sentimento profundo pela paz, não pode tolerar que:

● manchem a memória dos nossos antepassados,

● que ultrajem a dignidade daqueles que fizeram da luta contra a exploração, a razão de ser da sua vida

● que minimizem o heroísmo internacionalista da Província de Gaza, que foi retaguarda segura da luta do Zimbábue, que foi força contundente na destruição do regime de Smith.

Por aquilo que aqui sentimos, associado ao sentimento geral da população de Gaza, estamos contentes que esses bandidos, recrutados, treinados, equipados, financiados e multiplicados pelo regime do apartheid, o regime de minoria racista e ilegal da África do Sul, tem os seus dias contados.

Venceremos mais esta batalha. Venceremos, porque o Povo e mais forte do que o exército mais forte do imperialismo.

EXORTAÇÃO

Cidadãos da província de Gaza, a Província de Gaza será no final da década o tapete verde de milhares de hectares de arroz, de milho, de trigo, para nos alimentarmos.

A Província de Gaza produzirá milhares de toneladas de carne bovina, de porco, de ovelha, de patos, galinhas, para nos alimentarmos.

A Província de Gaza produzirá dezenas de milhares de litros de leite, milhares de toneladas de queijo, manteiga, natas, de lã, de presunto, de chouriço para nos alimentarmos.

A Província de Gaza produzirá citrinos, uvas, melões, melancias, a banana, a mandioca para nos alimentarmos.

Domaremos o Rio Limpopo, o Rio Changane, o Rio Incomati, para alimentarmos as chelhas e as secas, para irrigarmos as nossas terras, para que o rio seja o nosso instrumento de luta contra a fome e não de destruição e miséria.

As incomparáveis belezas naturais das praias, das lagoas, das colinas verdejantes, dos parques e reservas naturais, serão transformadas em grandes estâncias turísticas, onde aqueles que constroem o progresso, que constroem com as suas mãos e a sua inteligência, constroem a riqueza e a felicidade, repousarão do seu duro labor.

Cidadãos, Vivemos momentos inesquecíveis durante a nossa visita.

Vivemos momentos empolgantes, profundamente emotivos.

Na Província de Gaza lembramos a nossa história, valorizamos os nossos feitos, fazemos da nossa história a epopeia heroica do nosso Povo.

Aqui recordamos donde viemos e de quem somos produto.

O exemplo de Gungunhana, de Maguiguana permanecerá inspiração permanente para a nossa juventude, ponto de referência para todo o nosso Povo.

Vimos em Gaza a Makwele renascida, Renascida e rejuvenescida, apesar da violência colonial a que foi submetida.

O vigor, a força, a vitalidade dos movimentos dos dançarinos, a harmonia de vozes fortes e suaves, faziam a combinação perfeita de uma manifestação artística verdadeiramente popular.

O vigor dos movimentos e a harmonia das vozes não nos transportavam apenas para a memória da emigração, do sofrimento, da mutilação e de morte nas minas do Rand. Transportavam-nos sobretudo para a esperança da vitória, a certeza de um Moçambique vermelho de um sol que nunca desce.

Vimos nas mulheres, nos velhos, nos jovens a espontaneidade, a alegria, a confiança na sua própria força, na sua própria capacidade, na sua própria inteligência.

Sentimos na população de Gaza o orgulho da vitória, orgulho do passado heroico, a confiança na vitória de amanhã.

Conhecendo os sacrifícios, valorizando as pequenas conquistas, dando corpo à sua esperança, a população de Gaza deu-nos uma lição de honra, de maturidade cívica, de engajamento patriótico.

Esta mensagem levaremos connosco, com o peso da responsabilidade que ela merece.

Kanmambo população de Gaza, Kanmambo por nos terem acolhido com tanta hospitalidade, com tanto calor, com tanto carinho, Kanmambo na vossa contribuição para o IV Congresso do nosso glorioso Partido FRELIMO.

Kanmambo por esta lição de dignidade, de honra e de orgulho nacional que nos deram.

Entretanto, foi entregue ao Presidente Samora Machel durante o comício popular em Xai-Xai, a quantia de 1 298 231 meticals, para apoiar a realização do IV Congresso do Partido FRELIMO.

A Luta Continua!

Independência ou morte

Venceremos